



EDUCAÇÃO SITUACIONAL: ENSINAR A PARTIR DE SITUAÇÕES REAIS

SITUATIONAL EDUCATION: TEACHING VIA REAL SITUATIONS

Wallace Rodrigues¹

Resumo

O objetivo deste trabalho é construir uma breve explanação daquilo que chamamos de “educação situacional”, uma educação que parte de situações concretas da vida cultural dos estudantes, onde se parte da realidade objetiva para transformar a própria vida através da educação. Essa concepção de educação não é algo novo, porém ainda causa muita estranheza por parte do professorado de todos os níveis. A partir das situações adversas que enfrentamos em nossa realidade é que buscamos soluções, dentro de nossa cultura local, para tais problemas. Esse mecanismo de aprender a partir das situações da vida real pode se colocar como um mecanismo pedagógico de grande valor na escola.

25

Palavras-chave: Educação situacional; Realidade; Ensino; Cultura.

Abstract

The aim of this paper is to build a brief explanation of what we call “situational education”, a form of educations that starts from concrete situations in the cultural life of the students, where we start from the objective reality to transform one’s life through education. This meaning of education is not something new, but it still causes great strangeness on the part of teachers at all levels. We seek solutions from the adverse situations we face in our reality, within our local culture. This mechanism of learning from real-life situations can be seen as a pedagogical mechanism of great value in schools.

Keywords: Situational education; Reality; Teaching; Culture.

¹ Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT); Doutor em Humanidades da Leiden Universiteit (Países Baixos); Mestre em Estudos Latino-Americanos e Ameríndios (2009) e Mestre em História da Arte Moderna e Contemporânea (2007), ambos mestrados da Leiden Universiteit (Países Baixos); Pós-graduado Lato Sensu em Educação Infantil (2012) pelo Centro Universitário Barão de Mauá (SP – Brasil); e Licenciado Pleno em Educação Artística (1999) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ – RJ – Brasil).



Introdução

Este texto busca explicitar a importância daquilo que chamamos de educação situacional, ou seja, uma educação que parte, de verdade, das situações da realidade dos estudantes e funda-se nestas situações para aprender e compartilhar conteúdos escolares os mais diversos.

Lembremos de uma cena do filme “Cidade dos homens” (de 2007 e com roteiro de Elena Soárez e Paulo Morelli), quando Acerola vai ao quadro, durante a aula de história, reexplicar as intenções imperialistas de Napoleão¹. As explicações do estudante mostram que a realidade dele era mais forte do que a maneira como o conteúdo havia sido ministrado pela professora. Ainda a interpretação dos fatos históricos por parte do estudante deixava ver a relevância, para ele e para os outros estudantes, de situações de suas realidades de habitantes de morro carioca em constante conflito armado.

Ainda, foi a partir do acolhimento de relatos de professores do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) que decidimos escrever este texto, pois as realidades mais chocantes encontradas na educação foram compartilhadas pelos professores que participam de tal plano. Eles atuam nas periferias das periferias nacionais, onde nenhum outro professor deseja atuar e convivendo com a realidade da mais variada falta de recursos para a educação. De escolas sem materiais didáticos, sem professores suficientes, sem móveis adequados, sem edifícios de alvenaria, etc., a educação brasileira do interior pode ser comparada a um paciente em estado grave numa UTI.

Além disto, estas difíceis realidades parecem não ser compreendidas por professores (de todos os níveis) e profissionais que trabalham nas regiões mais

¹ Ver em https://www.youtube.com/watch?v=_PK2H41afNQ



ricas e prósperas do Brasil. Temos a impressão de que o Brasil se divide em dois: um rico e um pobre. As diversas realidades existentes na vida e na educação dos brasileiros leva a salientar a necessidade de uma escola voltada para as diversas situações objetivas de cada grupo e de cada local.

Neste sentido, podemos notar que a realidade humana se sobrepõe aos ensinamentos escolares. As necessidades básicas de subsistência e as estratégias para continuar vivendo dignamente fazem com que a educação tenha que se voltar, sem demora, para as situações da realidade objetiva dos estudantes enquanto ponto de partida de qualquer conteúdo escolar.

Educação situacional

Começamos este artigo definindo o que entendemos enquanto situação em relação à educação escolar. O termo situação pode ser entendido aqui como o ato ou efeito de posicionar, de situando um arranjo de partes a partir de determinada realidade. E cada uma destas situações (tristes ou felizes) da realidade a que se refere este texto faz parte da vida das pessoas que participam da escola, posicionando-as dentro do universo escolar e da sala de aula.

Se redirecionamos este pensamento para como as várias formas de como aprendemos dentro da escola, nos deparamos com uma educação situacional, uma educação de relação a partir de situações da realidade vivida por nós.

São as situações vivenciadas por cada um de nós que nos inserem no mundo, nos posicionam socialmente e nos fazem entender onde estamos. A partir deste repertório individual é que construímos nosso saber. Lembremos que o saber escolar é uma construção da qual fazemos parte. Este saber vem se modificando há muito tempo e continua a mudar dia após dia, pois somos nós (agentes escolares) que reavaliamos o que aprendemos e como aprendemos. No



entanto, isso somente acontece a partir de situações concretas de nossas vidas.

De acordo com Jean Piaget, aprendemos a partir de nossa relação com o mundo externo, que nos possibilita situações constantes de aprendizado e de reformulações de saberes. Vamos, assim, construindo um conhecimento pessoal e particular sobre as coisas com a qual temos contato. Nossa ação pessoal é de fundamental importância na abordagem psicogenética piagetiana, pois deixa claro que agimos sobre o mundo para conhecê-lo, apreendê-lo e sobre ele operar. A educadora Valéria da Hora Bessa (2008) nos fala sobre as pesquisas de Piaget:

Segundo Piaget, o que nos motiva para a aprendizagem são os problemas cotidianos, os fatores desafiantes, os conflitos intelectuais, ou seja, os desequilíbrios constantes que ocorrem entre o que conhecemos e o que ainda existe a ser conhecido. Dessa forma, estamos em desequilíbrio no processo de aprendizagem quando o conhecimento que temos sobre algo é menor que o conhecimento contido no objeto a ser conhecido (BESSA, 2008, p. 45).

28

Assim sendo, podemos dizer que são as situações do dia a dia que, segundo Piaget, nos motivam a aprender e a construir conhecimento. Como, durante toda nossa vida, nunca deixamos de nos deparar com situações desafiantes e que nos induzem a buscar soluções, nosso processo de aprendizagem é algo constante e perdurará até o último de nossos dias.

Também, o professor Sílvio Gallo (2015), da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), mostra-nos, bem claramente, o que acontece com a educação escolar que temos hoje em dia e, que, aparentemente, se expandirá para o futuro. Tal educação da contemporaneidade busca ser uma junção de saberes híbridos, porém conexos, levando a lógicas e a críticas particulares e únicas. Nesse contexto, nossas experiências pessoais e as situações vivenciadas por cada um de nós somente reiteram a conexão de dimensões da qual fala o professor Gallo:



Estamos diante do desmoronamento de um ensino herdeiro do Iluminismo e do pensamento positivista, na direção de uma formação que conecta as dimensões racionais e sensíveis do ser humano. Deste modo, ingressamos em uma perspectiva em que se revalorizam os aspectos emocionais e sensíveis da formação das pessoas, para a emergência de um conhecimento coletivo que amplifica ou intensifica de outro modo o real. A relação entre arte e Educação pode ser descoberta não apenas em espaços formais, mas também em centros culturais, museus e nos interstícios do institucional. Trata-se, então, de entrar em contato com as dinâmicas de um *saber híbrido*, que articula verdades relativas e situacionais, que tornam possível localizar-se em um *presente socializante* (GALLO, 2015, s/p).

Como o mundo atual não para de nos oferecer “verdades relativas e situacionais”, nossa posição de aprendizagem perante ele, dentro da escola, deve ser de buscar compreender os desafios a partir de nossa compreensão da realidade e trabalhar a partir desta realidade para construir conhecimento significativo para todos, tanto professores quanto estudantes.

Ainda, a realidade das situações que abarcam um determinado grupo cultural se coloca como ponto de partida de aprendizagens significativas para quem aprende e para quem ensina. Stuart Hall (2000) nos mostra que a multiculturalidade nos afeta em todas as esferas e nos deixa ver as “diferenças” entre nós e os outros, levando a um rico conhecimento pessoal. A questão para este estudioso é como viver em comum, juntos e de forma justa, respeitando as diferenças de cada um:

A questão multicultural, a meu ver, é a questão de como nós vemos o futuro daquelas várias sociedades compostas hoje em dia de pessoas de diferentes histórias, *backgrounds*, culturas, contextos, experiências e posições na ordem de classificação do mundo. Sociedades onde a diferença recusa-se a desaparecer. Ou seja, quando uma homogeneidade social e cultural tácitas não podem ser assumidas para proporcionar um horizonte consensual implícito de ação, prática, política ou interpretação, mas onde, no entanto, há uma determinação para construir uma vida comum e, se possível, justa juntos (HALL, 2000, p. 4-5, tradução nossa).



Desta forma, a escola não pode deixar de compreender as diferenças enquanto realidades específicas de cada grupo cultural e trabalhar a partir delas. Não falamos aqui de uma educação excludente, mas de uma educação escolar que parta de uma realidade concreta, visível aos estudantes.

Não podemos querer ensinar sobre música clássica a estudantes que somente estão acostumados a escutar música de massa. Há que haver uma preparação, a partir da música que eles escutam, de seu universo musical, para se chegar até a música clássica. Isso vale para tentar ensinar sobre qualquer outro tipo de música com o qual o estudante não está acostumado. Essa diversidade de extratos culturais dos estudantes pode ser percebida em qualquer estudo comparativo de escolas brasileiras de regiões diferentes e se coloca como instigante para qualquer professor verdadeiramente crítico.

30

Ainda, o sociólogo Jessé de Souza (2012) nos fala das várias realidades vividas por nós seres humanos: social, política, simbólica, etc. A apreensão de todas as formas de situações da realidade dependerá de nossa escolarização e de nosso discernimento em relação a elas. Estas várias situações sempre serão instigadoras de conhecimentos, uns mais elaborados que outros, assim como nos informa Souza em relação à realidade simbólica da violência criminosa:

Como não existe – certamente no Brasil, mas, também, em grande medida no mundo todo – nem a percepção sociológica, nem a percepção política da realidade simbólica “invisível” que permite tornar permanente a pobreza material “visível”, combate-se “moinhos de vento” construídos a partir da percepção fragmentada da realidade social: a percepção da violência criminosa tornada espetáculo televisivo (que esconde a violência cotidiana mais importante e menos visível), a tendência mundial de tornar a pobreza novamente questão de polícia e retirá-la da dimensão política, a tendência geral de culpar a vítima por sua própria exclusão, etc. (SOUZA, 2012, p. 55).

Essa percepção mais apurada das situações das realidades simbólicas requer um pensar mais preciso, levando em conta todos os pontos da questão e



deixando de lados qualquer tipo de paixão. A partir de uma análise crítica de um bom número de situações do dia a dia poder-se-á chegar a considerações e a aprendizagens únicas.

Voltando mais especificamente ao âmbito da educação escolar, Paulo Freire (2013) nos deixa ver a importância do saber que parte da realidade, das situações vividas pelos próprios alunos, e se voltam à transformação de realidades opressoras. É nas teorias de Paulo Freire que nos baseamos para pensar sobre a educação situacional, pois ele nos mostrou que a educação escolar (principalmente a educação popular) deve partir da realidade dos estudantes e não de livros didáticos pensados e executados distantes das coisas da vida de muitos estudantes Brasil afora.

Acreditamos que o saber nasce a partir das situações da realidade vividas por todos nós. É a partir destas situações que tentaremos buscar soluções cognitivas para resolver os problemas que nos são apresentados. Desta forma, é o mundo que nos faz curiosos e nos instiga a aprender. Paulo Freire (s/d) nos informa que a relação dos seres humanos com o mundo é essencial à aprendizagem:

Enquanto ato de conhecimento, a alfabetização, que leva a sério o problema da linguagem, deve ter como objeto também desvelar as relações dos seres humanos com o seu mundo. A análise destas relações começa a aclarar o movimento dialético que há entre os produtos que os seres humanos criam ao transformarem o mundo e o condicionamento que estes produtos exercem sobre eles. Começa a aclarar, igualmente, o papel da prática na construção do conhecimento e, conseqüentemente, o rol da reflexão crítica sobre a prática. A unidade entre prática e teoria, ação e reflexão, subjetividade e objetividade, vai sendo compreendida, em termos corretos, na análise daquelas relações antes mencionadas (FREIRE, s/d, s/p).

Também, compreendemos que é através da educação que as populações mais carentes de nosso país terão um caminho de compreensão da realidade em



que vivem e das transformações que desejam fazer em suas vidas. Assim, a educação escolar deve buscar sua base explicativa e exemplificativa nas situações vivenciadas pelos estudantes. Conforme nos informa Freire (2013):

É que não haveria ação humana se não houvesse uma realidade objetiva, um mundo como “não eu” do homem, capaz de desafiá-lo; como também não haveria ação humana se o homem não fosse um “projeto”, um mais além de si, capaz de captar a sua realidade, conhecê-la para transformá-la. Num pensar dialético, ação e mundo, mundo e ação, estão intimamente solidários. Mas, a ação só é humana quando, mais que um puro fazer, isto é, quando também não se dicotomiza da reflexão (FREIRE, 2013, p. 55).

Se pensarmos na imensidão geográfica e social de nosso país poderemos compreender o porquê de tentar se pensar uma educação que se baseie nas situações da realidade dos estudantes, já que as formas de viver neste imenso país são as mais diversas possíveis. E as situações da realidade dos estudantes não cabem dentro do livro didático! Daí a necessidade de se ter o livro didático enquanto apoio para a prática pedagógica, mas que ele não seja o foco principal das aulas. O que deve ser ponto central nas aulas escolares são os conteúdos situacionais baseados nas realidades diversas dos estudantes. A realidade deve ser para um estudante (da classe popular ou da mais alta) uma base de aprendizados e um campo de ação de aprendizados, conforme nos informa Freire (2013) sobre sua pedagogia voltada para os oprimidos:

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (Idem, p. 57).



Notamos que ainda há professores, quando ministrando conteúdos, que não aceitam as observações baseadas nas vivências dos estudantes. Essas observações fazem parte da vida de tais estudantes e devem ser levadas em conta para pensar o próprio conteúdo e as metodologias utilizadas para ministrá-lo. Os saberes provenientes das realidades dos estudantes devem ser tomados como ponto inicial para qualquer aprendizagem escolar, já que, desta forma, a educação escolar fará sentido para os estudantes.

Talvez tenha sido Paulo Freire o nosso maior incentivador de uma educação situacional consciente e crítica. E é através das teorias deste pensador que verificamos a importância da criticidade necessária aos professores que desejam mudar a vida de seus educandos através do ensino, onde respostas levam a novas perguntas, conforme nos informa Freire (2013) na passagem abaixo:

O radical, comprometido com a libertação dos homens, não se deixa prender em 'círculos de segurança', nos aprisione também a realidade. Tão mais radical quanto mais se inscreve nesta realidade para, conhecendo-a melhor, melhor poder transformá-la. Não teme enfrentar, não teme ouvir, não teme o desvelamento do mundo. Não teme o encontro com o povo. Não teme o diálogo com ele, de que resulta o crescente saber de ambos. Não se sente dono do tempo, nem dono dos homens, nem libertador dos oprimidos. Com eles se compromete, dentro do tempo, para com eles lutar. Se a sectarização, como afirmamos, é o próprio do reacionário, a radicalização é o próprio do revolucionário (FREIRE, 2013, p. 37).

Talvez a escola devesse olhar mais para fora de seus muros e trazer o que se descobriu para dentro dela. As situações socioculturais de seus alunos são muito mais marcantes em sua formação do que vários conteúdos sistematizados nos livros didáticos. Parece haver uma realidade escolar e uma outra realidade fora dos muros das instituições educacionais. Ainda, os conteúdos devem se adaptar às situações da vida dos estudantes e não o contrário.



Também, a educação situacional é uma boa metodologia de trabalho para ser utilizada nos cursos de *e-learning*, pois essa modalidade de ensino a distância, por meio de dispositivos eletrônicos, dá liberdade ao aluno de partir das situações concretas de sua vida para interagir com as atividades e os conteúdos propostos. Nessa modalidade de ensino parece haver uma liberdade maior para aprender a partir de situações vivenciadas. Sabemos que a qualidade do material dos cursos de *e-learning* são, geralmente, de excelente qualidade, o que somente propicia uma interação situacional do aluno com os conteúdos propostos.

Num país de dimensões tão vastas quanto o nosso e com características regionais tão distintas, nos cursos de *e-learning* os estudantes são incentivados a partirem de suas vivências para compor suas atividades a distância, até mesmo em seus trabalhos de conclusão de curso. Isso enriquece sobremaneira seu aprendizado e dá a conhecer as especificidades regionais do Brasil.

34

Também, o professor Wallace Rodrigues (2014) nos dá um exemplo claro do uso da educação situacional aplicada na desconstrução de discurso que se coloca como realidade midiática (lembramos que um discurso é sempre uma representação parcial da realidade). Da passagem abaixo vemos que realidades (virtuais) podem ser criadas pelos meios midiáticos e devem ser diferenciadas das realidades vividas por nós no mundo real. No entanto, toda experiência humana deve ser voltada para o aprendizado. Conforme Rodrigues:

[...] educar criticamente requer conhecer e instrumentalizar os estudantes com mecanismos de desconstrução, de desmascaramento das ideologias vinculadas nas imagens e nas mídias. Portanto, as ideologias vinculadas nas mídias formam-se desde que começamos a consumir a partir delas e a tratá-las como objetos mesmo de consumo. Assim sendo, podemos dizer que o discurso sempre é reatualizável de acordo com os poderes envolvidos. Ajudar os estudantes a compreender que a mídia e as imagens, muitas vezes, são criadas para nos influenciar ideologicamente é de fundamental importância para a vida de cada um de nós. Sabendo disso, os estudantes podem sempre escolher conscientemente que caminho eger e de que forma caminhar intelectualmente em suas escolhas (RODRIGUES, 2014, p. 99).



Ainda, a arte-educadora Ana Mae Barbosa, no texto *Arte, educação e cultura*, tomando como exemplo a cultura indígena, deixa-nos ver a importância das situações da realidade cultural do “outro”, do diferente de mim, enquanto aprendizado sobre o outro e sobre mim mesmo (para meu autoconhecimento):

A educação poderia ser o mais eficiente caminho para estimular a consciência cultural do indivíduo, começando pelo reconhecimento e apreciação da cultura local. Contudo, a educação formal no Terceiro Mundo Ocidental foi completamente dominada pelos códigos culturais europeus e, mais recentemente, pelo código cultural norte-americano branco. A cultura indígena só é tolerada na escola sob a forma de folclore, de curiosidade e esoterismo; sempre como uma cultura de segunda categoria. (BARBOSA, s.d.).

35

Neste mesmo caminho, a leitura das situações e seu uso nas aprendizagens dentro do ambiente escolar requerem um professor capacitado para compreender a seu meio sociocultural. Tal professor deve aprimorar-se em seu ofício. É, novamente, Paulo Freire (1997) quem nos mostra os requisitos para se tornar um bom professor:

[...] rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, estética e ética, a corporeificação das palavras em exemplo, risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, o reconhecimento e a assunção da identidade cultural, a consciência do inacabado, o reconhecimento de ser condicionado, respeito à autonomia do ser do educando, bom senso, humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores, a apreensão da realidade, alegria e esperança, a convicção de que a mudança é possível, curiosidade, segurança, competência profissional e generosidade, comprometimento, compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, liberdade e autoridade, tomada consciente de decisões, saber escutar, reconhecer que a educação é ideológica, disponibilidade para o diálogo, querer bem aos educandos (FREIRE, 1997, p. 7-9).

Vemos que, segundo Paulo Freire, são muitas as atribuições dos



professores, que exigem demais de tais profissionais, que os salários não são aquilo que se esperavam, etc, porém acreditamos ser possível um aprendizado mais consistente a partir das situações vivenciadas pelos alunos, levantadas na sala de aula e problematizadas.

Considerações finais

Neste texto defendemos que as práticas educacionais escolares devem ser um reflexo das situações concretas vividas pelos estudantes. Essas situações servem como ponto de partida para os conteúdos a serem ensinados e como exemplos destes conteúdos. Tais conteúdos explicados a partir das vivências dos alunos devem fazer com que eles se tornem seres realmente pensantes, indagadores e críticos.

36

Neste sentido, acreditamos que a criticidade não é algo negativo, como nos foi ensinado durante todo o período da ditadura militar no Brasil, mas ela deve levar-nos a pensar com mais afinco e a buscar mudanças positivas em nosso meio.

Ainda, o que aqui chamamos de educação situacional parte não somente da realidade dos estudantes (conforme já pensava Paulo Freire), mas de situações concretas desta realidade. Situações estas que podem instigar um pensamento mais profundo sobre aquilo que aprendemos e como aprendemos.

Para finalizar, esperamos que este artigo sirva de gasolina para dar partida no motor de pensamentos de vários profissionais da educação, pois sem estes profissionais a educação escolar não terá qualidade e seus alunos fracassarão na escola e na vida.

Referências bibliográficas



BARBOSA, Ana Mae Arte, educação e cultura. Sem data. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000079.pdf> > Acesso em: 07 de janeiro de 2016.

BESSA, Valéria da Hora. **Teorias da aprendizagem**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

FREIRE, Paulo. A alfabetização de adultos como ato de conhecimento. IN: **Jornal da Educação**. Lisboa, Portugal, s/d, s/p.

_____. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 5ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 54ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GALLO, Sívio. Educación, filosofía y arte, fundamento de la educación artística. IN: Revista **Fermentario**. Inicio. Volume 2, Número 9 (2015), s/p., acesso em 09/01/2016, disponível em: <

<http://www.fermentario.fhuce.edu.uy/index.php/fermentario/issue/view/13> >.

HALL, Stuart. **The Multicultural Question**. Lecture given by Professor Stuart Hall at the Walton Hall Campus of The Open University, in Milton Keynes, on 19 October 2000, pág. 1 a 27. Disponível em: < <http://www.open.ac.uk/socialsciences/sociology> >, acesso em 21 de janeiro de 2016.

RODRIGUES, Wallace. Letramento imagético e midiático em arte-educação. IN: **Conhecimento & Diversidade**. Niterói, n. 12, p. 90–101, jul./dez. 2014, ISSN 1983-3695.

SOUZA, Jessé de. A dimensão simbólica do capitalismo moderno: para uma teoria crítica da modernização. IN: **Revista Estudos Políticos**. N.5, 2012, 02, ISSN 2177-2851, pág. 41 a 59.